

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

## LITERATURAS DO DESASSOSSEGO<sup>1</sup>

*Lise Gauvin*

Ensaísta, romancista e crítica literária, Lise Gauvin é professora emérita da Universidade de Montreal. Publicou mais de umas vinte obras, entre as quais *Lettres d'une autre ou "comment peut-on être québécois(e)"*, ensaio-ficção (Typo, 2007) e *La Fabrique de la langue*. De François Rabelais à Réjean Ducharme ("Points", Seuil, 2004 e 2011). As suas coletâneas de novelas foram positivamente recebidas pela crítica e valeram à sua autora o estatuto de "romancista de primeira" (2003). Publicou recentemente *Les lieux de Marie-Claire Blais, Nota bene*, 2020 e, em coorganização, *Penser le roman francophone contemporain*, PUM, 2020. Note-se igualmente *L'Effacement, livre d'artiste* (Transignum, 2019), *Parentèses*, novelas, (Lévesque éditeur, 2015), *D'un monde l'autre. Tracées des littératures francophones* (Mémoire d'encrier, 2013), *Aventuriers et sédentaires. Parcours du roman québécois* (Champion 2012; Typo 2014) e *L'imaginaire des langues* (É. Glissant, entrevistas com Lise G., Gallimard, 2010). É membro da Académie des lettres du Québec, de que foi presidente em 2008 e 2009. Pelo seu compromisso

---

<sup>1</sup> Lise Gauvin (2017). "Penser/parler la langue ou des mille manières de décrire/d'écrire le réel" in *Langues choisies, langues sauvées. Poétiques de la résistance*, Christine Meyer et Paula Prescod dir. Würzburg, Königshausen et Neumann, pp. 37-58

intelectual pela língua e na francofonia, foi-lhe atribuído o prestigioso prémio do Quebeque Georges-Émile Lapalme em 2018.

*Le Roman comme atelier. La Scène de l'écriture dans les romans francophones contemporains* (2019) sucede a *L'Écrivain francophone à la croisée des langues* (1999 et 2005) e a *Écrire, pour qui? L'Écrivain francophone et ses publics* (2006), obras essas publicadas igualmente pela editora Karthala.

A francofonia literária representa um conjunto difuso no interior da República mundial das Letras. Com efeito, como designar as várias literaturas francófonas sem as marginalizar e, de certo modo, as excluir? Em contrapartida, como não constatar o estatuto particular dessas literaturas que temos dificuldades em nomear: literaturas menores, minoritárias, literaturas minúsculas? Estas designações foram alternadamente escolhidas para descrever sistemas literários simultaneamente autónomos e interdependentes. Os escritores que delas fazem parte têm em comum o facto de se situarem “na encruzilhada das línguas”, num contexto de relações conflituais – ou pelo menos concorrenciais – entre o francês e outras línguas de proximidade. O que, no seu caso, se traduz numa sensibilidade maior para com a problemática das línguas, ou seja, uma sobreconsciência linguística que faz da língua um lugar de reflexão privilegiado, um espaço de ficção e, inclusive, de fricção. A noção de sobreconsciência remete para o facto de essa situação na língua poder implicar simultaneamente de exacerbado e de fecundo. Escrever torna-se então num autêntico ato de linguagem. O escritor francófono está condenado a pensar a língua. Amarga e suave condenação essa, que gerou um verdadeiro meta-discurso sobre a língua. O que o poeta quebequense Gaston Miron expressou numa fórmula eloquente: “E lá me vou inventando, qual naufrago, em toda a extensão da minha língua”.

Todo o escritor tem de descobrir a sua língua na língua comum, pois sabemos desde Proust e Sartre que um escritor é sempre um estranho

na língua em que se exprime, mesmo que essa seja a sua língua natal e que, na expressão de Michel Tremblay, “escrever uma língua, é afastar-se de uma língua”. Mas a sobreconsciência linguística que afeta o escritor francófono – e que este partilha com outros minoritários – instala-o ainda mais no universo do relativo. Neste caso, nada fica óbvio. A língua, para ele, é algo que tem de ser incessantemente (re) conquistado. Dividido entre a defesa e a ilustração, mas consciente ao mesmo tempo de que escrever é uma atividade intransitiva, que não tem de defender ou ilustrar o que quer que seja, ele tem de negociar a sua relação com a língua francesa, quer esta seja materna ou não. Como situar-se entre estes dois extremos que são a integração pura e simples no corpus francês e a valorização excessiva do exotismo, ou seja, como conseguir essa verdadeira “estética do diverso” reivindicada por Segalen e, depois dele por Glissant, bem como pelos signatários do manifesto *Éloge de la créolité* [Elogio da criouldade]? Como integrar nos códigos da obra e da escrita o referencial que remete para vários sistemas de representação culturais?

Por todas estas razões, propus substituir a expressão “literaturas menores” pela que julgo mais apropriada de “literatura do desassossego”, num empréstimo a Fernando Pessoa, e ao seu tradutor, desse vocábulo com ressonâncias múltiplas. Embora a própria noção de desassossego possa designar toda a forma de escrita, de literatura, julgo que se aplica essencialmente à prática linguística do escritor francófono, que é fundamentalmente uma prática da suspeita. Essa prática deu lugar a uma série de tomadas de posição, de reflexões e de manifestos cujo objetivo era dar conta de uma situação vivida o mais das vezes de forma dolorosa, ou pelo menos problemática. Donde um investimento na língua, um langagement cujos efeitos tanto se encontram nos conceitos implementados quanto nas estratégias narrativas adotadas.

O escritor francófono é forçado a lidar com a proximidade de outras línguas, uma situação de diglossia em que se encontra

frequentemente imerso, ou ainda uma primeira desterritorialização constituída pela passagem da oralidade à escrita, e outra, mais insidiosa, criada por públicos imediatos ou afastados: tantos factos que o obrigam a desenvolver o que Glissant designa por “estratégias de desvio”. Ao privilegiar o campo romanesco, perguntar-me-ei em que medida as estéticas contemporâneas escapam ao “francês fictício” que serviu durante muito tempo de língua literária, isto é, à clivagem entre uma língua polida, ideal e, no fim de contas, bastante neutra, e a prática circunspeta, inclusive decorativa dos níveis de língua. Que tipo de relação mantêm com o discurso intratextual de outrem? Sabendo eu, ademais, que toda a língua é uma construção no interior da língua comum, dou por adquirido que o plurilinguismo textual é, antes de mais, uma escolha estratégica, isto é, cuja questão é mais estrutural que estilística, e cujo primeiro critério de avaliação permanece a dinâmica global da obra (...).

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

JOSÉ DOMINGUES DE ALMEIDA

Universidade do Porto